

A Verde e Rosa

05/03/2019

A Verde e Rosa matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje.

Se a Mangueira não ganhar, cancela o Carnaval. A Estação Primeira recuperou a missão profunda do samba: chão (ligação com a comunidade), ato político, resiliência, aquela ginga preta com as representações que, com sorriso no rosto, dão o soco lento no estômago do opressor. Que, como Exu, reinventa a memória quando “mata um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje”.

Por tudo que as Escolas de Samba vêm se transformando há anos, um grande espetáculo descolado de chão, uma árvore perdendo raiz para o embranquecimento ao priorizar agradar os manda-chuvas do Carnaval muito mais do que impor e contar sua história, esse desfile da Mangueira foi, sobretudo, uma retomada simbólica daquele samba que nasceu das brechas, do precário, com a voz do morro narrando “a história que a história não conta”.

No avesso do mesmo lugar, a Verde Rosa incita sorrindo a descolonização do conhecimento, “eu quero um país que não tá no retrato”. Trazendo o Ilú de Iansã na gramática dos tambores, não poderia ser diferente, né? Veio como tempestade varrendo a poeira dos porões. Fazendo ouvir com irônica doçura de quem vai ninar gente grande, “meu nego deixa eu te contar”, “com versos que o livro apagou”, “desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento”.

Nesses tempos de censura pela Escola sem Partido, nacionalismo ufanista nas escolas, militarismo do ensino, quem não entendeu o recado da Mangueira não entendeu nada.

Mangueira fez jus ao título de Estação Primeira, linha de frente, e de todo sangue e suor preto que fizeram da Verde e Rosa grande como é.

Historiadores - que saem do gabinete - sabem do lugar que esse samba deve ocupar na História. Sabem que ele tem que estar nas salas de aula.

Se a Mangueira não ganhar, reinventem o Carnaval.